

O GENOCÍDIO*

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.48310>

Pier Paolo Pasolini¹

[Tradução: Anita Helena Schlesener²]

[N. da T.] O texto de Pier Paolo Pasolini traduzido a seguir, neste momento de reaparecimento da extrema-direita em vários cantos do mundo, é de uma atualidade estarrecedora. O autor analisa o processo de formação do consenso a partir da utilização dos meios de comunicação de massa e denuncia a forma como estes instrumentos atuam para construir uma hegemonia cultural homogênea sufocando as culturas autóctones. Para as classes populares, a partir da leitura de Gramsci, a cultura popular constitui-se numa das formas de resistência. O genocídio em curso, conforme Pasolini, consiste em reduzir toda a sociedade a uma única forma de pensar e de agir condizente com os interesses da sociedade de consumo. Trata-se, para o autor, de um sistema que, a partir de um simulacro de liberdade e de tolerância, efetiva um genocídio cultural que produz uma afasia aterradora e uma passividade política que imobiliza as classes populares. Refere-se às condições sociais e culturais italianas, mas suas reflexões cabem para pensar o nosso tempo.

**

Peço-lhes que me desculpem alguma minha imprecisão ou incerteza terminológica. Tendo como premissa que o assunto não é literário e que, por sorte ou azar, eu sou um escritor e, por isso, não possuo, sobretudo linguisticamente, os termos para tratar deste assunto. E ainda uma outra premissa: aquilo que direi não é fruto de uma experiência política no sentido específico e, por assim dizer, profissional da palavra, mas de uma experiência que direi quase existencial.

Direi imediatamente, e já devem ter intuído, que a minha tese é muito mais pessimista, mais amarga e dolorosamente crítica que a de Napolitano. Tem como tema condutor o *genocídio*: considero, por assim dizer, que a destruição e a substituição dos valores na sociedade italiana de hoje conduzem, ainda que sem carnificina e fuzilamentos de massa, à supressão de grandes setores da própria sociedade. Tal afirmação não é, de fato, uma afirmação totalmente herética ou heterodoxa. Já a encontramos no *Manifesto* de Marx uma passagem que descreve com clareza e precisão extremas o genocídio cometido pela burguesia em relação a determinadas camadas das classes dominadas, sobretudo as não operárias, mas o subproletariado ou certas populações coloniais. Hoje a Itália está vivendo pela primeira vez e de maneira dramática este

fenômeno: grandes camadas que tinham ficado, por assim dizer, fora da história – a história do domínio burguês e da revolução burguesa – sofreram este genocídio, ou seja, esta assimilação ao modo e à qualidade de vida da burguesia.

Mas como acontece esta substituição de valores? Eu sustento que hoje isto acontece clandestinamente, por meio de uma espécie de persuasão oculta. Enquanto nos tempos de Marx se aplicava ainda a violência explícita e aberta, a conquista colonial, a imposição violenta, hoje os modos são muito mais sutis, hábeis e complexos, o processo é tecnicamente muito mais maduro e profundo. Os novos valores substituem os antigos furtivamente, talvez nem seja necessário declará-lo, visto que os grandes discursos ideológicos são quase sempre desconhecidos das massas (a televisão, para dar um exemplo ao qual tornarei, certamente não difundiu o discurso de Cefis aos alunos da Academia de Modena).

A minha explicação será mais clara se eu retomar o meu modo de falar habitual, ou seja, a linguagem de escritor. Atualmente estou escrevendo a passagem de uma de minhas obras na qual me defronto com este tema de modo precisamente imaginativo e metafórico: imagino uma espécie de descida aos infernos na qual a protagonista, para fazer a experiência do genocídio de que falei, percorre a rua principal de uma povoação de uma grande cidade meridional, provavelmente Roma, e lhe aparece uma série de visões, cada qual correspondendo a uma das estradas transversais que desembocam na rua central. Cada uma dessas visões é uma espécie de vala do círculo infernal da *Divina Comédia*: na entrada de cada transversal há um determinado modelo de vida posto ali furtivamente pelo poder e ao qual sobretudo os jovens e, mais ainda os rapazes, que vivem na estrada, se adaptam rapidamente. Perderam o seu antigo modelo de vida, aquele que realizavam vivendo e do qual, de qualquer modo, sentiam-se contentes e até orgulhosos mesmo se implicasse todas as misérias e os caracteres negativos, aqueles enumerados por Napolitano, que haviam e eram – e eu concordo: e hoje esses jovens procuram imitar o novo modelo que a classe dominante ali colocou furtivamente. Naturalmente eu enumero toda uma série de modelos de comportamento, em torno de 15, correspondendo a dez círculos e cinco valas. Para resumir, falarei apenas de três: mas preciso ainda que a minha é uma cidade do centro-sul e o discurso vale apenas relativamente para os que vivem em Milão, Turim, Bolonha, etc.

Temos, por exemplo, o modelo que conduz a um certo hedonismo interclassista, o qual impõe aos jovens que inconscientemente o imitam a adaptarem-se no comportamento, no modo de se vestirem, de se calçarem, no modo de pentear-se ou de sorrirem, no agirem e no orientarem-se, conforme aquilo que veem na publicidade dos grandes produtos industriais: publicidade que se refere, quase que de forma racista, ao modo de vida pequeno-burguês. Os resultados são, evidentemente, dolorosos, porque um jovem pobre de Roma ainda não está em condições de realizar estes modelos, o que cria nele processos de ansiedades e frustrações que o conduzem aos limites da neurose. Temos também o modelo da falsa tolerância, da permissividade. Nas grandes cidades e no campo do centro-sul estava ainda em vigor um

certo tipo de moral popular, bastante livre, é certo, mas com os tabus que lhes eram próprios e não da burguesia; não a hipocrisia, por exemplo, mas simplesmente uma espécie de código ao qual todo o povo acatava. A um certo ponto o poder teve necessidade de um tipo diferente de dependente, que fosse antes de tudo um consumidor, e não seria consumidor perfeito se não lhe fosse permitido uma certa permissividade no campo sexual. Mas também os jovens da Itália atrasada tentam se adaptar a este modelo, e o fazem de maneira desajeitada, desesperada e sempre de modo neurótico.

Enfim, o terceiro modelo, aquele que eu chamo da afasia, da perda da capacidade linguística. Toda a Itália centro-meridional tinha as suas próprias tradições regionais ou urbanas de uma língua viva, de um dialeto regenerado por contínuas invenções e tendo em seu interior jargões ricos de invenções quase poéticas. A essa renovação linguística todos contribuíam, dia após dia, cada noite nascia uma piada nova, um dito espirituoso, uma palavra imprevista; havia uma maravilhosa vitalidade linguística. O modelo agora colocado ali pela classe dominante bloqueou linguisticamente aquelas populações: em Roma, por exemplo, não se é mais capaz de inventar, caiu-se em uma espécie de neurose afásica; ou se fala uma língua falsa, que não conhece dificuldades nem resistências, como fosse fácil reduzir tudo a palavras – nos expressamos como em livros impressos – ou então se atinge a verdadeira e própria afasia no sentido clínico da palavra, já que não se é capaz de inventar metáforas e movimentos linguísticos reais, emitem-se gemidos, empurram-se ou riem sem saber dizer algo.

Isso apenas para dar um breve resumo da minha visão infernal que, infelizmente, eu vivo existencialmente. Por que esta tragédia em, ao menos, dois terços da Itália? Por que este genocídio ocorrido por aculturação imposta arditamente pelas classes dominantes? Porque a classe dominante separou claramente “progresso” e “desenvolvimento”. A ela interessa somente o desenvolvimento, porque é dele que retira os seus lucros. É necessário, de uma vez por todas, estabelecer uma distinção drástica entre os dois termos: “progresso” e “desenvolvimento”. Pode-se conceber um desenvolvimento sem progresso, coisa monstruosa que estamos vivendo em cerca de dois terços da Itália; mas, no fundo, se pode também conceber um progresso sem desenvolvimento, como aconteceria em certas zonas rurais se fossem aplicados novos modos de vida cultural e civil, ainda que sem, ou com um mínimo de desenvolvimento material. O que acontece – e, no meu ponto de vista, é esta a tarefa do Partido comunista e dos intelectuais progressistas – é tomar consciências desta dissociação atroz e tornar as massas populares conscientes dela para que, precisamente, essa desagregação desapareça e desenvolvimento e progresso coincidam.

Em vez disso, qual é o desenvolvimento que este poder deseja? Se quiserem entender melhor, leiam o discurso de Cefis aos alunos de Modena que citei anteriormente e nele encontrarão uma noção de desenvolvimento como poder multinacional – ou transnacional, como dizem os sociólogos – fundado entre outras coisas em um exército que já não é nacional, avançadíssimo tecnologicamente, mas estranho à realidade do próprio país. Tudo isto afasta para longe o fascismo tradicional que se assentava no

nacionalismo e no clericalismo, velhos ideais, naturalmente falsos; mas, na realidade, está se estabelecendo uma forma de fascismo completamente nova e ainda mais perigosa. Explico melhor: como já disse, está em curso em nosso país uma substituição de valores e de modelos na qual tiveram grande peso os meios de comunicação de massa e em primeiro lugar a televisão. Com isso, não defendo de modo algum que tais meios sejam, em si, negativos: ao contrário, penso até que eles poderiam constituir um grande instrumento de progresso cultural; porém, até o momento, da forma como têm sido utilizados, foram um meio de regressão assustadora, precisamente instrumentos de desenvolvimento sem progresso, de genocídio cultural de, ao menos, dois terços dos italianos. Vistos deste ponto de vista, também os resultados do 12 de maio³ contêm um elemento de ambiguidade. Na minha opinião, a televisão contribuiu poderosamente para a vitória do “não” – a mesma televisão que nos últimos vinte anos desvalorizou claramente o conteúdo religioso: oh, sim, vimos frequentemente o Papa bendizer, os Cardeais inaugurarem, vimos procissões e funerais, mas eram fatos que produziam um efeito contrário aos fins da consciência religiosa. Com efeito, eles geravam, ao menos a nível do inconsciente, um profundo processo de laicização, que entregava as massas do centro-sul ao poder dos *mass-media* e, por meio deles, à verdadeira ideologia do poder: ao hedonismo do poder de consumo.

Por isso afirmo reiteradamente – talvez de uma forma violenta e exaltada – que o “não” tem uma dupla natureza: de um lado um progresso real e consciente, para o qual os comunistas e a esquerda contribuíram decisivamente; de outro lado, um falso progresso, que faz com que o italiano aceite o divórcio por causa das exigências laicizantes do poder burguês: porque quem aceita o divórcio é um bom consumidor. São estas as razões pelas quais, por amor da verdade e por um doloroso sentido crítico, eu posso chegar também a uma previsão de tipo apocalíptico como esta: se no número dos “não” devesse prevalecer a componente motivada pelo poder, seria o fim da nossa sociedade. Não acontecerá, precisamente porque existe um forte Partido comunista na Itália; existe uma “intelligentsia” muito avançada e progressista: mas o perigo existe. A destruição dos valores, agora em curso, não implica uma imediata substituição por outros valores, com o seu bem ou o seu mal, com o melhoramento necessário do padrão de vida juntamente com um verdadeiro progresso cultural. Existe, no meio, um momento de imprevisíveis e é precisamente este momento que estamos vivendo; é aqui que reside o grande e trágico perigo. Pensem no que pode significar nestas condições uma recessão econômica e não podem deixar de sentir arrepios se, mesmo por um instante, fizerem um paralelo – talvez arbitrário ou romanesco – com a Alemanha dos anos trinta. Alguma analogia do nosso processo de industrialização dos últimos dez anos com o alemão de então existe: foi em condições semelhantes que o consumismo, coincidindo com a recessão de 1920, abriu caminho ao nazismo.

Esta é a angústia de um homem da minha geração, que viu a guerra, os nazistas, os S.S., que sofreu um traumatismo que nunca conseguiu superar totalmente. Quando vejo em torno a mim os jovens que estão perdendo os antigos valores populares e absorvem os novos modelos impostos pelo capitalismo,

correndo o risco de uma forma de desumanidade, uma forma de afasia atroz, uma ausência brutal de capacidade crítica, por uma passividade aterradora, recordo que estas eram justamente as formas características dos S.S. e vejo abater-se sobre as nossas cidades a sombra horrenda da cruz gamada. Certamente esta é uma visão apocalíptica. Mas se, juntamente com ela, e com a angústia que ela desperta, não houvesse também em mim um elemento de otimismo, ou seja, a ideia de que existe a possibilidade de lutar contra tudo isto, simplesmente não estaria aqui, entre vocês, dirigindo-lhes estas palavras.

Notas

* Intervenção oral efetuada na festa do jornal *L'Unità* de Milão no verão de 1974. A versão escrita foi publicada primeiramente em *Rinascita* e, mais tarde, em PASOLINI, P. P. *Scritti Corsari*. 6a ed. Milano: Garzanti, 1995. p.226-231.

¹ Pier Paolo Pasolini – (1922-1975). Escritor italiano, poeta dialetal, com uma extensa obra a analisar a partir das relações dialéticas entre as poesias, os romances e os escritos teóricos sobre linguística, literatura e estética, além de uma grandiosa obra cinematográfica, todas com caráter polêmico ao levantar as contradições do capitalismo e criticar o governo italiano. Com uma intensa atividade política, foi membro do PCI e militante junto aos movimentos de trabalhadores e de camponeses. Conforme Catalfamo (2021, p. 197), sua atividade de polemista na imprensa italiana em defesa da cultura popular e questionando a estrutura econômica e social burguesa exerceu notável influência na formação de uma consciência coletiva. (CATALFAMO, Antonio. *Pasolini – Eretico Solitario e la lesione inascoltata di Gramsci*. Chieti: Solfanelli, 2021)

² Doutora em História, Pós-doutorado em educação (Unicamp). Docente de filosofia política e estética da UFPR de 1976 a 2005. Docente do Mestrado e Doutorado em Educação da UTP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9617648836292663>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2768-5858>. E-mail: anitahelena1917@gmail.com.

³ [N. da T.] Em 12 e 13 de maio de 1974 ocorreu na Itália o Referendo sobre o divórcio. Tratou-se de um referendo no qual o eleitorado tinha que responder se queriam revogar a lei do divórcio aprovada em 1970. Como acentua Pasolini, venceu o “não”.

Recebido em: 21 de fev. 2022

Aprovado em: 13 de maio 2022